

capa

Cinco séculos de vida teen no Brasil;

Na semana em que se comemoram os 500 anos do Descobrimento, o Folhateen, junto com um grupo de estudantes do 4º ano de história da USP, faz um resumo da vida dos jovens que formaram a nação brasileira



Fotos Reprodução

No Brasil do século 16, havia mais de 900 etnias indígenas espalhadas por todo o país, entre elas os índios coropos

da história para o cinema

Hans Staden se livrou de virar jantar

especial para a Folha

O alemão Hans Staden chegou aqui em 1549, em meio a uma confusão geral. As riquezas do Brasil eram disputadas por piratas, comerciantes e exploradores de Portugal, França e Holanda. Staden lutou ao lado dos portugueses contra os índios tupinambás, e acabou capturado. Passou nove meses como prisioneiro dos tupinambás em Ubatuba,

litoral norte de SP, aguardando o dia em que seria devorado num ritual antropofágico. Nesse tempo, observou os costumes da tribo e registrou tudo em desenhos e textos. Acabou resgatado por um navio francês. A história do alemão que quase virou picadinho foi transformada no filme "Hans Staden", de Luiz Alberto Pereira. O longo está em cartaz em vários cinemas do país.



Desenho de Hans Staden representa a dança das mulheres; o próprio Staden aparece, de barba, no centro

Em 1500, Brasil era dos índios

RODRIGO BONCIANI
 JORGE DE ALMEIDA FRANCISCO
 CLAUDINEI VIEIRA
 especial para a Folha

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 22 de abril de 1500, só havia índios por aqui.

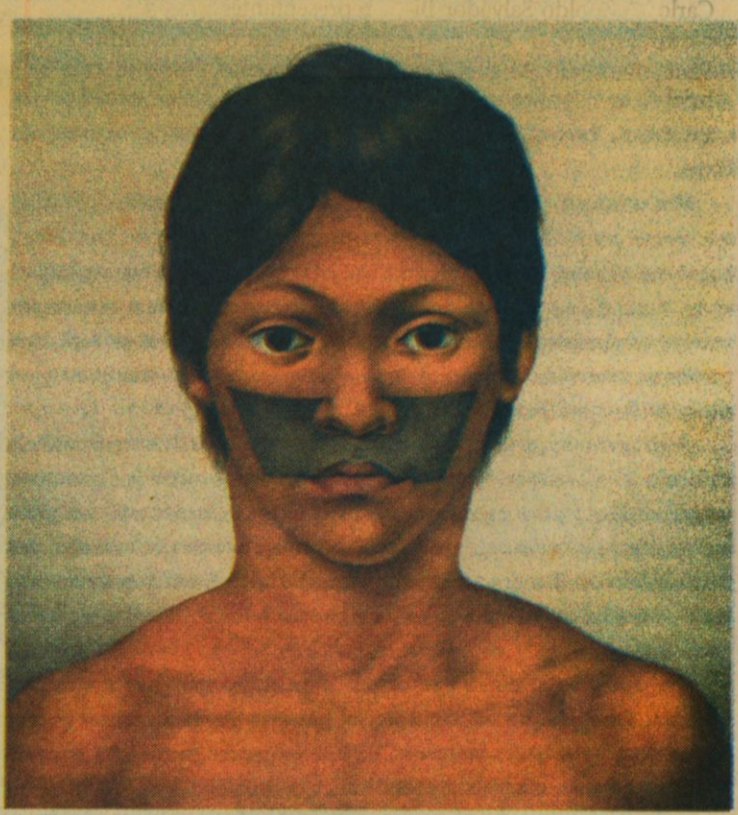
Aliás, só havia nativos. A palavra "índio" foi criada por um engano dos exploradores, que acreditavam ter desembarcado na Índia. Calcula-se que a população indígena no país variava entre 1,2 milhão e 5 milhões de habitantes, divididos entre 970 diferentes po-

vos. Hoje, são cerca de 330 mil indígenas e 215 etnias. Os viajantes que chegaram a estas terras, a partir de 1500, eram guiados pelo espírito de aventura. Eram piratas, capitães, exilados e missionários, na maioria jovens. A base da alimentação dos indígenas eram raízes, principalmente a mandioca. Os jovens aprendiam a caçar e a pescar. As meninas também aprendiam a fiar o algodão e a fazer objetos de palha. A passagem da infância para a vida adulta era um dos momentos mais importantes na cultura indígena. Significava que aquele jovem deixava de ser criança e passava a ter um papel social dentro da tribo, como pescar, fiar etc.

A nudez dos selvagens deixava os viajantes desconcertados. Mas, nos dias de festa, de guerra, ou ainda "quando matavam com solenidade um prisioneiro para comê-lo, os selvagens enfeitavam-se com vestes, máscaras, braceletes e outros ornamentos de incomparável beleza, a fim de mostrarem-se os mais belos e bravos", como descreveu Jean de Léry, francês que esteve por aqui no século 16. O amor, o sexo e o namoro se relacionavam com os interesses e conveniências da estrutura social indígena. Surgiam muitas vezes de brincadeira e aconteciam com naturalidade. Como diziam os índios nambikwara: "Tamindige mondage!" ("Fazer amor é bom!"). Os portugueses procuravam um novo caminho para as Índias; queriam especiarias e ouro. Encontraram, no entanto, uma terra "mui pitoresca", repleta de gentios que não escondiam suas "vergonhas". O que aqui existia estava descoberto. E foram os portugueses que nos cobriram.



Desenho de Hans Staden representa a pesca dos índios



Os índios se pintavam tanto para guerrear quanto para festejar

Portugueses e índios desbravaram o país



Quadro de Joaquim José de Miranda mostra encontro cordial entre índios e brancos

especial para a Folha

A colonização começou a se intensificar a partir de 1600. Os portugueses fixaram povoações ao longo do litoral. Surgiram, então, novos aventureiros, que partiam em busca de metais preciosos e de índios para escravizar. Foi uma época marcada por uma maior interação entre índios

e portugueses. Mas o domínio ainda era dos colonizadores. Assim disse padre Antônio Vieira, um escritor e jesuíta português que se dedicou à catequização e defesa dos índios: "É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas famílias

se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender na escola", como transcreveu o historiador Sergio Buarque de Holanda em "Raízes do Brasil". Nas expedições para o interior, muitas vezes partia toda a família. Em outras, só iam os homens, liderados pelo pai da família, o bandeirante. Seus filhos jovens estavam numa posição interme-

diária de comando e obediência em relação ao pai. Havia também os jovens indígenas, que, forçados a participar, recebiam a função de carregar mantimentos, redes etc. Eles eram fundamentais para a expedição, por sua agilidade e capacidade de orientação na mata. Durante as expedições, muitas vezes, as mulheres ficavam sozinhas nas vilas. O resultado era um

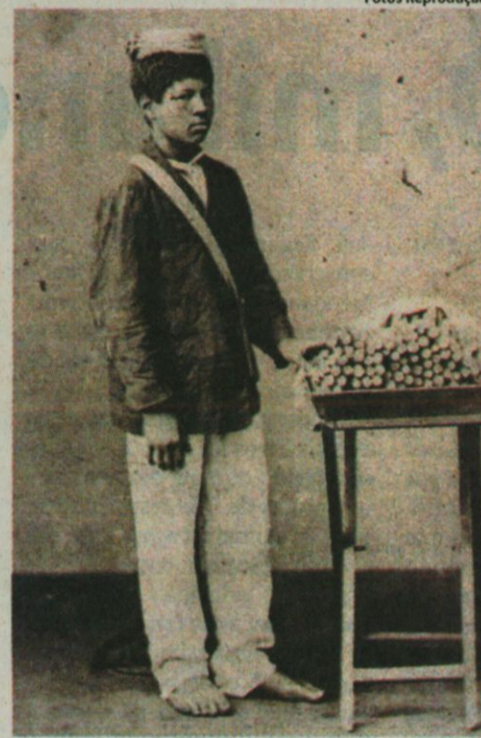
sistema matriarcal a que ficavam sujeitas crianças e jovens. A alimentação era muito parecida com a dos indígenas: a farinha de mandioca, o milho e o feijão. Carne de macaco, tanajuras e saúvas torradas também faziam parte da dieta. A aguardente de milho era mais popular do que a de cana. O algodão fez surgir uma indústria caseira que produzia re-

des e roupas. O clima permitia a multiplicação de rebanhos. Imagens heroicas de bandeirantes, vestindo roupas requintadas, belas botas e cintos afivelados, são pura ficção histórica. A cascata foi criada no fim do século 19 pela elite cafeeira de São Paulo para glorificar os bandeirantes (os "primeiros paulistas"). Assim, justificava-se a "grandeza" do Estado.

como o jovem ajudou a fazer história



Escravos moçambicanos em desenho de Rugendas



Um escravo de 14 anos trabalha como vendedor ambulante

dom pedro 2º



Dom Pedro 2º retratado aos 5 anos de idade...



... e aos 19; ele cresceu mas continuou sem mandar

O teen que sentou no trono e não mandou

especial para a Folha

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga. Ou simplesmente Dom Pedro 2º, como o imperador ficou conhecido. O rapaz entrou numa tremenda fria: aos 15 anos de idade, em 1841, tornou-se imperador do Brasil.

Dez anos antes, o pai, Dom Pedro 1º, abandonara o trono

e voltara a Portugal.

Naquela década, o país fora governado por uma série de representantes da elite.

Dom Pedro 2º assumiu o trono ainda adolescente, mas pouco mandava. Na verdade, sua posse foi um golpe da ala mais conservadora do governo para manter a idéia de estabilidade do Império e deter setores mais radicais. Esses grupos pediam a proclamação da República, o que só veio a acontecer em 1889.

Escravidão trouxe 3,5 milhões de negros

especial para a Folha

O tráfico de escravos para o Brasil teve início no século 16. Entre 1550 e 1850, chegaram ao Brasil cerca de 3,5 milhões de escravos trazidos da África, especialmente de Guiné, Costa do Marfim, Mali, Congo, Angola e Moçambique. Os africanos traziam sua cultura, língua e costumes.

A mistura da cultura afro com a dos povos europeus e indígenas que já habitavam o Brasil foi responsável pela formação da identidade brasileira. Música, idioma, culinária, festas populares, enfim, todas as manifestações culturais do Brasil provêm dessa mistura.

Ao completar 7 anos de idade, a criança negra já era considerada apta a realizar alguns serviços. Aos 14, ela trabalhava tanto e da mesma forma que um adulto.

Quando o negro não conseguia trabalho nas minas ou nas lavouras, tentava arrumar algum serviço como carpinteiro, ferreiro, cozinheiro ou até mesmo músico. O negro realizava esses bicos

com o intuito de acumular algum dinheiro para, no futuro, comprar sua alforria.

A historiadora Julita Scarano, da USP, cita até o caso de negros que se tornaram enfermeiros.

E o que vestia um jovem negro? Dependia de vários fatores: do tipo de serviço que exercia ou do grau de importância que o seu senhor lhe atribuía, por exemplo. O visual mudava também de acordo com os trocados que o negro conseguia ganhar realizando bicos.

Os escravos que trabalhavam nas lavouras ou nas minas se cobriam, basicamente, de trapos. Alguns negros que trabalhavam na cidade tentavam se enfeitar seguindo o padrão da época: usavam coletes, chapéus com plumas, camisas e culotes.

O ex-escravo costumava marcar a sua diferença por meio da vestimenta. Alguns até usavam sapatos, artigo verdadeiramente de luxo para a época.

Na hora da comida, não havia grande variedade na mesa do brasileiro.

Em Minas, por exemplo, ainda segundo Julita Scarano, "o angu de fubá cozido na água, o feijão preto e, às vezes, carne ou toucinho não constituíam alimento somente do escravo, mas também do preto e do mulato livre, e até mesmo do branco pobre".

Os negros escravizados participavam das comemorações religiosas dos brancos, como missas, novenas, dias de santos etc. Era uma rara ocasião em que podiam descansar de seu pesado trabalho cotidiano.

O negro absorveu a cultura branca, mas, em vez de se render totalmente a ela, adaptou-a à sua própria bagagem histórica, cultural e religiosa. Exemplo: os negros passaram a cultuar santos da religião católica.

Cada santo correspondia a uma diferente divindade africana. Ogum, o deus guerreiro, correspondia a São Jorge; Iemanjá, rainha do mar, era Nossa Senhora.

os revoltosos

Zumbi, jovem rei do maior quilombo

especial para a Folha

Quilombos eram os agrupamentos formados pelos escravos foragidos. O mais famoso foi o Quilombo dos Palmares, localizado em Palmares, região serrana de Pernambuco e Alagoas.

Palmares era imenso: dezenas de pequenos povoados ocupavam uma área de 150 km de comprimento por 50 km de largura, com uma população que pode ter chegado a 20 mil pessoas.

As primeiras notícias sobre os quilombos datam de 1590. No fim do século 17, as autoridades coloniais, com medo de que o exemplo de Palmares incentivasse outros negros a se rebelar, atacaram o quilombo. Em 1694, Palmares foi derrotado. Um ano depois, Zumbi, o jovem líder dos revoltosos, foi preso e decapitado.

No Brasil, 'culto ao corpo' começou no séc. 20



Inauguração do velódromo de São Paulo, em 1896

especial para a Folha

O século 20 é o século do novo por excelência. Nas primeiras décadas do século, tudo é novidade: a máquina seduzia a todos, a eletricidade iluminava os cantos escuros da cidade, o que os antigos lampiões não eram capazes de fazer. O bonde elétrico e o automóvel aceleravam o cotidiano.

Em 1904, São Paulo já contava com 83 automóveis. A fotografia fazia nascer o registro da imagem, e os álbuns de família começavam a aparecer. As vitrolas embalavam as festas. O cinema dava seus primeiros passos.

A busca a qualquer preço pela modernidade era o mote do começo do século. Havia uma transformação na forma de encarar o próprio corpo.

Assim como a máquina, o corpo tinha de ser exercitado para responder aos comandos de maneira mais rápida e eficaz.

Surgiam os clubes esportivos e a prática de ginástica nas escolas; foram fundados clubes de halterofilismo e remo. Nas camadas populares, principalmente entre os operários, o futebol começava a despontar. A dança e os bailes se tornaram uma grande sensação para todos.

O historiador Nicolau Sevcenko fala sobre o clima da época: "O antigo hábito de repousar nos fins-de-semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua, era lá que a ação estava. Não é que repousar deixara de ser viável. Mas se tornara uma obsolescência, uma caduquice. Não era descansando que alguém se prepararia para a semana vindoura. A ordem era recarregar as



Um dos primeiros automóveis construídos no Brasil, pelo inventor Claudio Bonadei, na primeira década do século 20

Menor de rua é problema desde 1830

especial para a Folha

O termo "menor" aparece pela primeira vez em 1830, no Código Criminal do Império. Segundo o código, quem tivesse até 14 anos não teria responsabilidade penal. Já os jovens de 14 a 17 anos eram presos em celas comuns, junto com todo tipo de delinquente.

Na passagem do século 19 para o 20, com a concentração populacional e os problemas econômicos e sociais causados pela urbanização, o problema do menor abandonado ficou mais evidente.

O jurista Cândido Nogueira da Mota dizia, em 1895, que a criminalidade dos menores aumentara a olhos vistos: "Em 1894, o número de criminosos entre 9 e 20 anos era de apenas 59. Neste ano (1895), o número passou para 97, o que significa um aumento de 60%. É extraordinário o número



Dois menores de rua, presos e fichados no fim do século 19

de menores que vagam pela rua."

O mesmo jurista já sugeria uma solução para o problema: "É inegável que, protegendo a infância abandonada, guiando os seus passos, encaminhando-a para o trabalho honesto, capaz de assegurar o seu futuro, o Estado, se por um lado preserva essa infân-

cia das más tendências, por outro lado previne a sociedade contra os maus elementos".

O jurista já entendia, há mais de cem anos, que o melhor não era punir o criminoso, mas prevenir o crime, tirando a criança das ruas e colocando-a na escola.



Crianças e adolescentes trabalham em alfaiataria de BH

energias e tonificar os nervos exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito".

Se o mundo da elite estava nesse turbilhão transformador, o mundo operário também passava por uma revolução. As fábricas empregavam homens, mulheres e crianças. Os jovens eram mão-de-

obra barata e, por isso, chegaram a representar cerca de 50% dos operários empregados.

Trabalhavam em jornadas de semanas, que chegavam a 16 horas por dia. Nas primeiras décadas do século, surgiram as primeiras greves operárias, com grande participação de crianças e adolescentes.